URAP



UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 136
SET./DEZ. 2012 TRIMENSÁRIO - **€** 0,20

PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES**

WWW.URAP.PT geral@urap.pt

EDITORIAL

OS DONOS DO ESTADO

Na democracia participativa que é, constitucionalmente, a nossa, os cidadãos exercem a soberania popular, o poder político, através do voto, a "arma do povo", quer pela via do sufrágio universal, directo, secreto e periódico, quer pela via do referendo ou de outras formas previstas na Constituição (CRP). O poder dos titulares dos órgãos electivos da soberania, das regiões autónomas e do poder local tem os limites da legitimidade democrática, conjunto de normas legais que, em conformidade com a Constituição, regem o nosso viver em sociedade.

A satisfação do bem público é a regra a que tem que se subordinar a actividade desses titulares de cargos políticos. Acontece, porém, que muitos servidores públicos de maior responsabilidade têm um entendimento errado do que seja bem público, serviço público, de tal modo que ao tomarem posse do cargo confundem tal posse com a sua propriedade, considerando esta como o direito de porem e disporem da sua fatia ou do seu naco de poder (Governo, Ministério ou qualquer serviço público) como se de uma coutada pessoal se tratasse. Julgam-se, enfim, donos do Estado, alguns mal se dando conta de que não passam de mandaretes das forças e dos poderes fácticos que verdadeiramente dominam o País, o Estado e as suas instituições representativas. Donde o sentimento de impunidade com que actuam, convencidos de que os cargos que ocupam lhes dão o direito de praticar todos os atropelos ao bem comum e à lei, ao arrepio do contrato social que fizeram com o eleitorado quando, já com reserva mental, lhe propuseram programas que sabiam que não iam cumprir, por defeito ou por excesso. Daí as privatizações criminosas das empresas públicas, a corrupção, o desmantelamento do Estado Social, a expropriação e o confisco de direitos sociais que a Constituição de Abril consigna.

É certo que a própria CRP previne as situações de abuso do poder, seja praticado pelos eleitos, individualmente, seja pela apropriação partidária, com os partidos do arco do poder a serem naturalmente os mais vulneráveis à tentação. Daí que proíba a existência de cargos vitalícios e preveja a responsabilização política, civil e criminal dos titulares dos cargos políticos, afinal a tão falada ética republicana. Se ao pessoal político, partidariamente recrutado, falta a cultura democrática que as funções lhe impõem, e se o voto dos cidadãos não lhe incute a indispensável noção de serviço público, então há que fazer funcionar esses mecanismos constitucionais de responsabilização. É para isso, para defender a legalidade democrática, que existem o Ministério Público e os tribunais. Porque com um sistema judicial que corresponda eficazmente às exigências da defesa do poder democrático o abuso do poder deixa de ter espaço. Mas enquanto isso não ocorre, a este abuso do poder, correspondente ao excesso que vai da legitimidade eleitoral à prática executiva da governação central ou local, têm os cidadãos que resistir, não apenas pelo voto nos ciclos eleitorais periódicos, mas, como tem vindo a suceder, deitando mão a outras "armas do povo", sejam elas manifestações de rua seja o exercício do direito à greve, sectorial ou geral, ou o recurso a redes sociais. O direito fundamental à indignação e à resistência só conhece um limite, o da salvaguarda do bem público, o da defesa da Constituição, da Democracia e da República.

Levy Baptista

VILA FRANCA DE XIRA HOMENAGEIA PRESOS POLÍTICOS - pág. 3

JOVENS VISITAM PENICHE - págs. 4 a 5
Mais de uma centena de jovens estudantes do Ensino Secundário visitaram a Fortaleza de Peniche, numa iniciativa da URAP acompanhada por quatro ex-presos políticos



ROSTOS DA RESISTÊNCIA - págs 6 a 7

NÚCLEO DE SANTA IRIA DE AZÓIA
VALORIZAR A RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA



O núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia e a Sociedade 1º. de Agosto Santairiense organizaram o **Ciclo de Cinema *Os Caminhos da Liberdade***, com dois filmes sobre o genocídio nazi e os campos de concentração e dois sobre a resistência antifascista portuguesa.

A lista de Schindler e *A Vida é Bela*, projectados dias 6 e 7 de Outubro, respectivamente, na Sociedade 1º. de Agosto, integraram a primeira parte do ciclo e contaram com a presença de mais de 60 pessoas. Dias 20 e 21 de Outubro decorreu a segunda parte do ciclo, com as películas *Cinco Dias, Cinco Noites*, de Fonseca e Costa, e *48*, de Susana Sousa Dias.

Na última sessão, em forma de encerramento do ciclo, Manuel Pedro, ex-preso político, contou para as 50 pessoas presentes um pouco da situação vivida antes do 25 de Abril na região do Oeste/Ribatejo, onde desenvolveu a sua actividade de funcionário clandestino do PCP, fazendo referências também à actual situação política. O ciclo de cinema teve, em simultâneo, uma exposição sobre os conteúdos dos filmes em exibição, que ajudaram ao enquadramento dos mesmos.

Por outro lado, 32 pessoas participaram, dia 13 de Outubro, na **XII Visita Guiada** este ano cidade de Avis, numa organização conjunta do núcleo da URAP e da Câmara Municipal de Avis, que contou com o transporte cedido pela Junta de Freguesia de Santa Iria de Azóia. A visita constou de uma recepção no salão nobre da Câmara, onde a representante da autarquia fez uma descrição do concelho do ponto de vista económico e social, e da deslocação a vários locais de interesse histórico e patrimonial da cidade. O almoço alentejano decorreu nas instalações do Clube Náutico.



Da parte da tarde, o grupo deslocou-se Fundação Abreu Callado onde obteve uma informação geral da sua actividade, designadamente na produção de um vinho de qualidade.

O salão da Sociedade 1º. de Agosto Santairiense abriu-se de novo a 14 de Outubro para receber um **debate sobre o tema Comboio dos 1000** Jovens Antifascistas. A iniciativa visou a divulgação das atrocidades do nazismo e dos regimes fascistas europeus, designadamente do português. O núcleo desenvolveu contactos junto das escolas e de professores da área de História, publicou cartazes nos sites do agrupamento escolar e no da Junta de Freguesia, bem como em diversos locais da vila.

Na sessão, iniciada por um documentário, estiveram presentes cerca de 35 pessoas, entre as quais vários professores, que puderam escutar a descrição feita pelos dirigentes da URAP e integrantes no Comboio dos 1000.

Ana Pato, da direcção da URAP, e José Pedro Soares, ex-preso político, fizeram uma análise da situação na Europa antes e durante a II Guerra Mundial e as suas consequências e influências em Portugal durante o fascismo.

URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

VILA FRANCA DE XIRA
HOMENAGEM AOS PRESOS POLÍTICOS

«Num amanhã rutilante que vem perto, quando findar a noite ilegal que nos ensombra (...) Bandeiras vermelhas como o sangue dos mártires hão-de envolver os vossos corpos. Braçadas de flores de todos os jardins proletários se desfolharão sobre vós. Bocas que não sabiam cantar hão-de entoar um hino revolucionário. E hão-de brotar lágrimas, tão puras como as lágrimas da tua companheira», escreveu Soeiro Pereira Gomes quando Alfredo Diniz (Alex) foi assassinado.
O texto do escritor foi lido por Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, às muitas centenas de pessoas que dia 29 de Junho se reuniram na Praça 7 de Maio, em Alhandra, numa sessão destinada a homenagear os antigos presos políticos naturais do Concelho de Vila Franca de Xira. Marília Villaverde recordou ainda que Alhandra «é terra de um grande património de luta», recordando «as heróicas greves de 8 e 9 de Maio de 44, corolário de uma série de lutas pelo pão e pela sobrevivência».



«O levantamento das vítimas da repressão no concelho está longe de estar feito - lembremos tão-só que, aquando das greves de 44, foram presas centenas de pessoas, que se desencadeou uma verdadeira caça ao homem e que o número dos que foram entregues à PIDE e sujeitos a interrogatórios para elaboração de processos rondou a centena», afirmou, por seu lado, Domingos Abrantes, outro orador na sessão, que interveio como ex-preso político e em nome destes.
«Alguns destes presos passaram longos anos nas cadeias do Aljube, Caxias, Peniche, Tarrafal, como foram os casos do Josué Romão, António Dias Lourenço, Severiano Falcão, Sofia Ferreira, Octávio Pato, Dias Lourenço e Ivone Dias Lourenço, só para referir os casos mais significativos. (...) No conjunto, o tempo de prisão dos presos políticos do concelho de Vila Franca de Xira ultrapassará seguramente dois séculos», disse.
Para Domingos Abrantes, «não deixar esquecer que o fascismo existiu e o que representou para os trabalhadores e o povo, a sujeição de Portugal durante 48 anos à ditadura fascista, é uma exigência do nosso tempo, uma exigência da luta pela defesa da liberdade conquistada à custa de inúmeros sacrifícios».

DESENVOLVER A CONSCIÊNCIA DEMOCRÁTICA

No mesmo sentido, e para que isso não aconteça, Marília Villaverde contou que «a URAP, em colaboração com a FIR, o Instituto de Veteranos da Bélgica e a Fundação de Auschwitz, organizou uma viagem ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau, que juntou 1000 jovens de toda a Europa, entre eles 108 portugueses».
«A visita ao Campo de Concentração e de extermínio, dando a conhecer o sistema nazi de genocídio e o contacto directo com vítimas do fascismo, contribuirá, por certo, para o desenvolvimento da consciência democrática e dos valores dos direitos humanos dos jovens que participaram», afirmou a coordenadora da URAP.



Mas o povo saiu à rua também em Alhandra para escutar ainda o Coro Lopes-Graça, da Academia dos Amadores de Música, que entoou diversas canções heróicas, e ouvir poesias ditas por António Nabais (ex-preso político) e Carla Tavares (do grupo de teatro Cegada de Alverca). A canção Grândola Vila Morena encerrou o evento, acompanhada, de pé, por todos os participantes, seguindo-se a entrega do poema Hino de Caxias, em rolo tipo pergaminho, a todos os ex-presos e familiares presentes.
Esta sessão, promovida pelo núcleo da URAP do concelho de Vila Franca de Xira foi possível graças ao apoio e ao trabalho de várias organizações: a APAC – Póvoa de Santa Iria, a Sociedade Filarmónica Recreio Alverquense, as Juntas de Freguesia de Alhandra, Alverca, Castanheira e Vialonga e muitos amigos da URAP.



MAIS DE CEM JOVENS VISI
A MELHOR HOMENAGEM AOS RESISTE

A URAP organizou, no dia 4 de Outubro, uma visita ao forte de Peniche, principal prisão política do regime de Salazar, para divulgar, junto de mais de uma centena de jovens, a relação entre a história da ascensão do nazifascismo na Europa e a história de Portugal, cujo regime fascista foi o mais prolongado da Europa.
Os jovens, muitos dos quais tinham participado, em Maio, no Comboio dos 1000, eram provenientes da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto de Almada, da Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira do Seixal, da Escola Secundária Soares Basto e da Escola Ferreira de Casto, ambas de Oliveira de Azeméis. Em Peniche, depois de uma breve apresentação na presença de António José Correia, presidente da Câmara Municipal de Peniche, e de Rui Venâncio, assessor na mesma câmara, os participantes visitaram o forte, divididos em quatro grupos, cada um acompanhado por um ex-preso político (Álvaro Pato, José Ernesto Cartaxo, José Pedro Soares e Manuel Pedro).



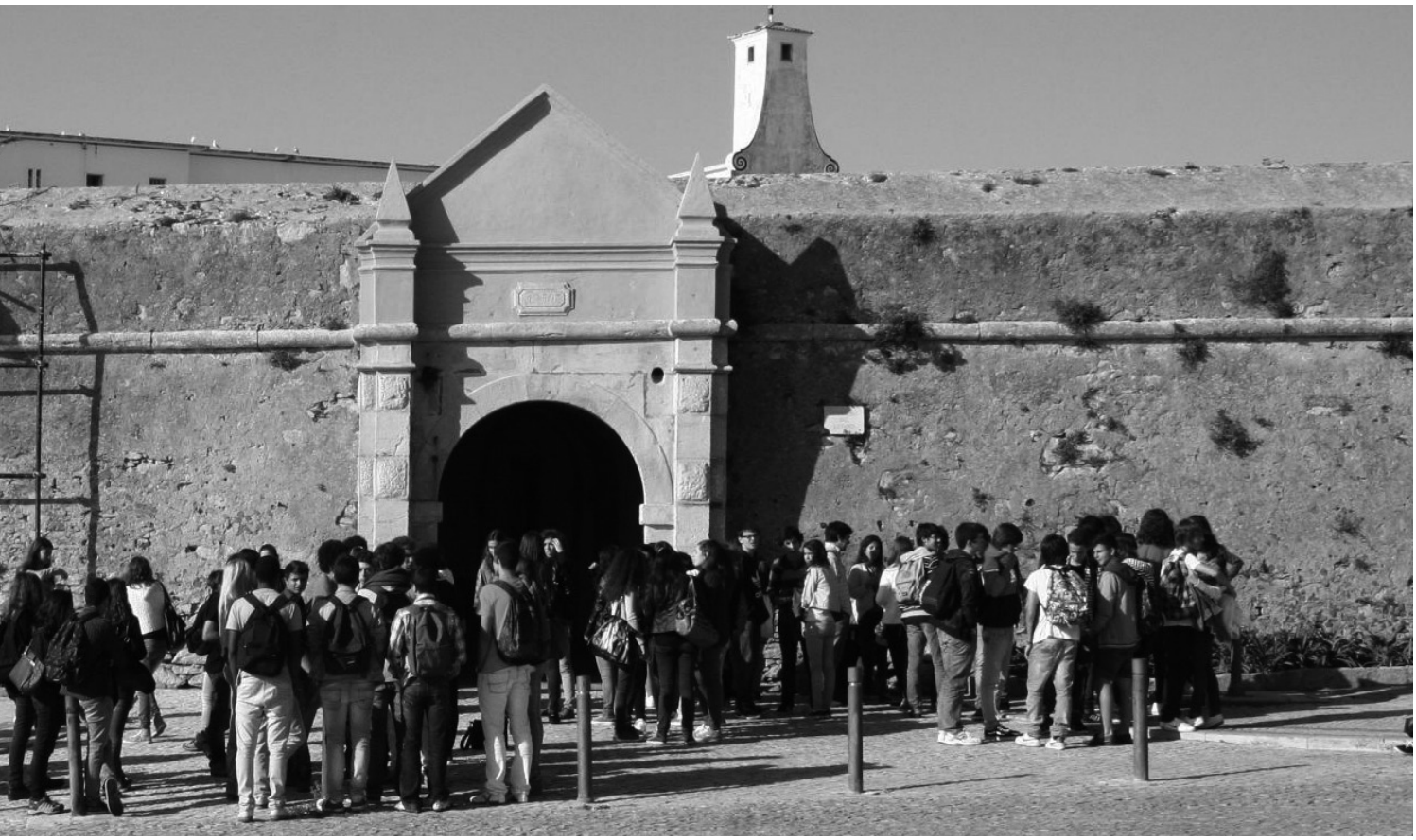
A visita foi organizada de forma a permitir a passagem nos principais quatro sítios do forte: o recreio; o Baluarte Redondo, onde funcionava o Segredo; o parlatório; e as celas.
Inicialmente, o grupo tomou conhecimento das condições de vida dos presos políticos. Peniche era uma prisão exclusivamente política, todos os presos que lá chegavam, com raras excepções, tinham já sido condenados. Antes da condenação antecediam-se longos períodos de interrogatórios e torturas, por isso era comum os presos chegarem em condições de saúde muito adversas, agravadas pelas duras condições prisionais.



VIDAS DE RESISTÊNCIA

Os presos passavam a maior parte do tempo fechados em celas ou salas. As celas eram individuais, as salas podiam comportar de uma a dez pessoas. O recreio, nome dado ao pátio entre os blocos de celas, era o único local onde os presos podiam estar ao ar livre e apenas uma hora por dia. Esta circulação era atentamente vigiada pelos carcereiros, as conversas tinham de ser em tom audível e era proibido falar de questões políticas ou de outros presos políticos.
O Baluarte Redondo, conhecido entre os presos como Segredo, era composto por pequenas celas totalmente escuras, onde os presos eram colocados isolados, como forma de castigo, muitas vezes arbitrário.
Foi daqui que se deu a espantosa evasão de Dias Lourenço. Foi salientado que a luta interna era feita em articulação com a luta clandestina fora da prisão e as evasões tinham como principal objectivo o regresso à luta organizada.
Não obstante as condições sub-humanas e a repressão exercida sobre os presos, a capacidade organizativa dos resistentes antifascistas dentro do forte, muitas vezes acompanhada pelo protesto das famílias no exterior e junto de várias entidades, conseguiram, ao

TARAM FORTE DE PENICHE
ENTES É CONTINUAR O SEU COMBATE



longo dos anos, melhorar o seu dia-a-dia na prisão, nomeadamente conquistando o direito ao aumento do número de visitas, acesso a livros e jornais, bem como possibilidade de ter visitas em comum pelo Natal e no dia do aniversário.

Sem ser nesses períodos, todas as visitas eram feitas no parlatório, uma zona constituída por cubículos, onde o preso ficava sempre separado dos visitantes por vidros e grades. Estas visitas eram sempre vigiadas por um guarda, e à mínima tentativa de troca de informações consideradas suspeitas, era-lhe imediatamente colocado um fim.

A visita ao parlatório contou com os importantes testemunhos de Eulália Miranda e Silvina Miranda, filhas do ex-preso político Dinis Miranda. Desde muito novas, com 8 e 4 anos, respectivamente, visitaram o seu pai na prisão. Estes importantes testemunhos permitiram aos jovens estabelecer contacto com uma outra face cruel da ditadura fascista: a privação imposta às famílias dos resistentes que ficaram friamente separadas. Eram as histórias e desenhos, que os pais enviavam aos seus filhos, esperando respostas que pudessem fazer as vezes do contacto que lhes era negado, que atenuavam a situação.

CONHECER A HISTÓRIA RECENTE

Na visita às celas, a guia do museu contou mais detalhadamente a história das fugas de Álvaro Cunhal e seus camaradas, e de Dias Lourenço, consideradas as principais fugas do forte. As celas, conservadas e com a recriação de algumas cenas do quotidiano, permitem ter noção das condições de vida dos presos, que ainda assim conseguiam desenvolver actividades artesanais e intelectuais, do qual são exemplo os desenhos da prisão de Álvaro Cunhal, expostos numa das celas.

No final, foi exibido o filme do Comboio dos 1000, da autoria de Bruno Vassalo, que permitiu recordar a viagem a Auschwitz-Birkenau, seguindo-se um momento de convívio em forma de piquenique, onde houve ainda espaço para a declamação de poesia por alunos da Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira.

O aprofundamento do conhecimento da história do nosso país daquela época, e a circunstância de cada grupo estar acompanhado por um ex-preso político, que permitiu aos jovens um contacto privilegiado com essa história, na primeira pessoa, tornou a ida a Peniche um momento especial destinado também a motivar os jovens presentes para a luta antifascista e a para defesa da democracia. Esta seria a melhor homenagem que lhes podia ser feita.

CICLO ROSTOS DA RESISTÊ
BENTO GONÇALVES

Está a decorrer o ciclo ***Rostos da Resistência***, promovido pela URAP em colaboração com a Biblioteca-Museu República e Resistência, que tem como objectivo recordar e valorizar destacados nomes da resistência antifascista.



No dia 26 de Setembro, o homenageado foi Bento Gonçalves, antifascista e dirigente comunista assassinado no Campo de Concentração do Tarrafal. Na sessão, dirigida por Rosa Macedo, participaram José Barata, o único sobrevivente da Revolta dos Marinheiros de 1936; Américo Nunes, sindicalista; e Aurélio Santos, do conselho nacional da URAP.

Américo Nunes recordou os traços mais significativos das lutas laborais e sociais de finais do século XIX e princípios do século XX, sublinhando que a repressão sobre o movimento operário não viria a abrandar com a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910. Levada ao poder com o apoio e a intervenção do proletariado, a média e a pequena burguesias cedo se lançaram contra os trabalhadores e as suas reivindicações. Segundo o sindicalista, vivia-se então um ambiente de intensa luta de classes, na ausência, porém, de uma direcção forte e de um projecto que unisse os vários grupos operários. Foi nessa luta que se formou a personalidade de Bento Gonçalves, que mais tarde viria a ser designado Secretário-geral do Partido Comunista Português, criado em 1921, único partido político que sobreviveu à ditadura militar instaurada em 1926, que veio a dar início ao regime fascista liderado por Salazar. Américo Nunes lembrou ainda que um grande número de marinheiros revoltados contra o governo e solidários com a República espanhola foram enviados para o Tarrafal. Entre eles encontrava-se José Barata, 96 anos, preso no Campo de Concentração do Tarrafal aos 20 anos na sequência dessa revolta.



Fidelidade aos ideais

Cheio de vivacidade, o único sobrevivente da Revolta dos Marinheiros contou à assistência como conheceu Bento Gonçalves, que apelidou de homem pleno de humanidade, correcção e disciplina. O jovem José Barata estava ainda longe de ter concepções políticas firmes.

«Quando me refiro a Bento Gonçalves, e aos companheiros que comigo estiveram no Tarrafal, digo sempre "camaradas", não só em recordação do que lutámos juntos como por, já depois do 25 de Abril, não termos renegado os nossos ideais de então», afirmou.

Campo da Morte Lenta, nome que, como Aurélio Santos recordou, foi dado ao campo de concentração onde se entrava para não mais sair, e onde o médico fascista que ali trabalhava dizia estar «para passar certidões de óbito». O dirigente da URAP sublinhou o papel organizador de Bento Gonçalves e relevou os aspectos mais marcantes desse período do fascismo – imitador do fascismo italiano de Mussolini, que Salazar considerava um «génio político».

Tanto na vertente reorganizadora do PCP e na actividade subsequente que manteve nas duras condições da perseguição terrorista, como depois no Campo de Concentração, de onde continuou a dirigir o Partido até ao seu assassinato, vítima de uma biliosa não tratada, Bento Gonçalves foi um resistente que cala fundo na memória dos que o conheceram e dos que, hoje, de outra forma, resistem à exploração e à injustiça, sublinhou Aurélio Santos.

«Vale a pena lutar!»

No breve período de intervenções do público, entre o qual se registou a presença de muitos jovens, José Barata teve oportunidade de recordar os objectivos da Revolta dos Marinheiros, contando que tudo começou com a degradação do salário e com a luta promovida e orientada pela ORA – Organização Revolucionária da Armada, ligada ao PCP. Eram todos jovens e eram todos praças – não havia entre eles nenhum oficial. Os navios estavam proibidos de aportar em Espanha em portos controlados pela República. Houve alguns marinheiros que desafiaram esta ordem e logo foram expulsos e presos pela PIDE. A revolta surgiu, pois, num movimento de solidariedade com esses camaradas e contra o governo fascista dirigido por Salazar.

José Barata, lembrando a revolução do 25 de Abril e a sua própria reintegração na Marinha, embora com um posto inferior ao que deveria ter obtido por antiguidade, falou das lutas que de novo levantam o povo contra a opressão. Tal como ontem, também hoje vale a pena lutar.

NCIA EVOCA RESISTENTES
S E VIRGÍNIA MOURA



JOSÉ BARATA

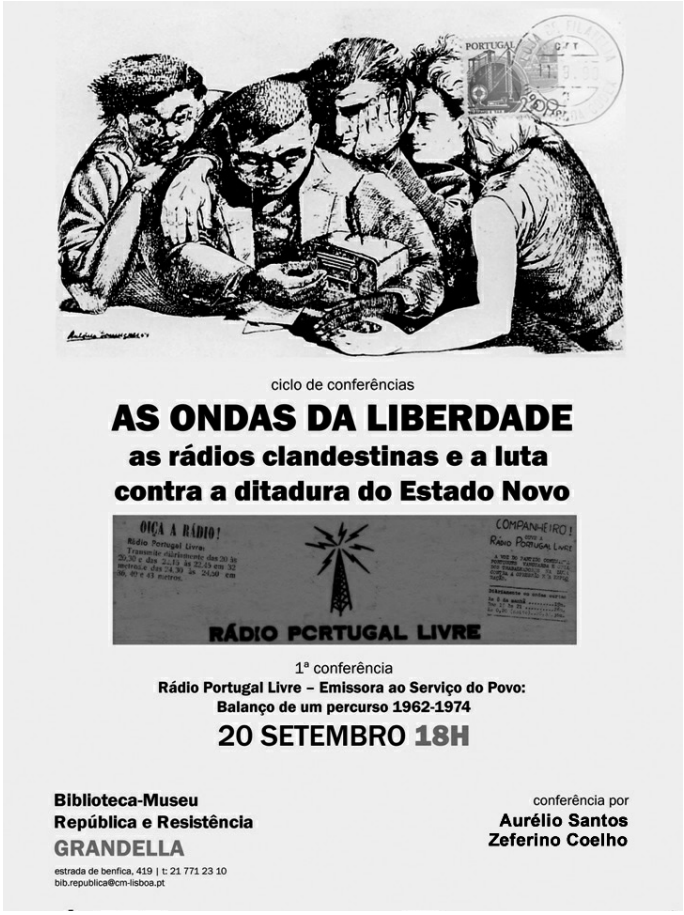
José Barata nasceu em Lisboa em 26 de Agosto de 1916. Começou a trabalhar aos 13 anos como serralheiro da construção civil, tendo assentado praça na Armada três anos mais tarde. Participou na Revolta dos Marinheiros, em Outubro de 1936. Aos 20 anos, é enviado para o Tarrafal, onde fica 14 anos. Esteve ainda detido na Penitenciária, no Limoeiro e em Peniche, num total de cinco anos.
No livro A Revolta dos Marinheiros de 36, escrito por uma jovem jornalista como tese de Doutoramento, é uma boa contribuição para o conhecimento da história deste movimento.
Depois da sua libertação foi vendedor de artigos eléctricos, empregado de laboratório e empregado de um despachante da Alfândega (22 anos).
A sua reintegração na Armada só aconteceria após o 25 de Abril, através de concurso.

VIRGÍNIA MOURA, A FORÇA E A CORAGEM

«Uma força da natureza», para o escritor Teixeira de Pascoaes, e «uma das corajosas mulheres de Portugal que muito tem sofrido por amor ao povo», para o escritor Ferreira de Castro, Virgínia Moura foi a mulher que a URAP homenageou dia 4 de Outubro.
Integrada no ciclo ***vvvvv***, a sessão, presidida pela coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, teve como oradores dois amigos de Virgínia Moura, engenheira civil de profissão, presa pela PIDE 16 vezes, nove das quais julgada, três vezes condenada e vítima de maus-tratos: António Areosa Feio e Maria José Ribeiro.
Para Areosa Feio, Virgínia Moura foi «a mulher combatente, sempre presente em todas as frentes de luta. Mulher com ideias próprias e palavra sempre pronta, quando estava em causa definir caminhos e tomar decisões». Areosa Feio, que partilhou com Virgínia Moura a Direcção do Movimento Nacional Democrático (MND), de cuja Comissão Central Virgínia Moura foi membro, lembrou o seu comportamento íntegro, a sua postura sempre fraternal e firme, a cidadã lutadora pela liberdade e pela dignificação da intervenção e dos direitos das mulheres.
A segunda oradora, Maria José Ribeiro, afirmou que conheceu a homenageada quando em 1954, aos 18 anos, foi viver para o Porto. «A verticalidade e firmeza, a par da doçura com que expunha o que pensava, sempre com um sorriso largo que convidava o interlocutor a envolver-se, tocou-me profundamente», disse.

Maria José Ribeiro contou ainda que Virgínia Moura foi um exemplo que a ajudou a crescer enquanto cidadã comprometida com as mesmas causas. Partilhou com ela, ainda jovem, e depois adulta, momentos de luta em várias campanhas eleitorais pela democracia e a liberdade, em defesa da Paz, da dignificação da Mulher e tantos outros marcos que estão indelevelmente gravados na sua memória.
Maria José Ribeiro lembrou igualmente Lobão Vital, marido de Virgínia Moura, «lutadores das mesmas causas, com uma cumplicidade e uma profunda ternura que evidenciavam em todos os momentos, mas com individualidades próprias que ambos mutuamente respeitavam».
Cidadã esclarecida, sempre soube identificar a sua vida com a luta do seu povo e com as grandes causas da democracia e foi o elo de ligação entre as correntes unitárias da luta antifascista, pela liberdade, a democracia e a paz, durante os longos 48 anos do regime fascista.
No dia 26 de Abril de 1974, Virgínia Moura entrou na Delegação da PIDE, no Porto, para saudar a libertação do último preso político detido, o jovem Jorge Carvalho. Que melhor símbolo de liberdade, do que esta mulher de sorriso aberto, subindo livre as escadas do edifício onde tantas vezes entrara privada dela.
Com Abril veio o reconhecimento público. Virgínia Moura foi agraciada com a Ordem da Liberdade, com a Medalha de Honra da Câmara Municipal do Porto, onde foi autarca, e com a Medalha de Honra do Movimento Democrático de Mulheres.
Em 19 de Abril de 1998, com 82 anos de idade, Virgínia Moura faleceu no Porto. O seu funeral foi uma sentida e justa homenagem prestada por milhares de pessoas, cidadãs e cidadãos anónimos, e por diversas organizações políticas associativas e populares.

AS ONDAS DA LIBERDADE:
A RÁDIO PORTUGAL LIVRE AO SERVIÇO DO POVO E DO PAÍS



«Com este pode-se ouvir a voz da menina?», perguntavam muitas vezes aos lojistas no Alentejo, antes do 25 de Abril de 1974, as pessoas que iam comprar um aparelho de rádio. Este episódio foi contado por Aurélio Santos, responsável e locutor da Rádio Portugal Livre, no dia 16 de Setembro passado, numa conferência promovida pela URAP e a Biblioteca-Museu República e Resistência, no edifício Grandella, em Benfica, inserida num ciclo intitulado As Ondas da Liberdade.

A «menina» era Veríssima Rodrigues que, com Aurélio Santos, Maria da Piedade Morgadinho, Margarida Tengarrinha e Zeferino Coelho, integraram a equipa de locutores da rádio clandestina do Partido Comunista Português. Na conferência estiveram mais de duas dezenas de pessoas e nela intervieram Aurélio Santos e Zeferino Coelho.

A Rádio Portugal Livre (RPL), muito escutada em Portugal, emitiu entre o início de 1962 e Outubro de 1974 e os seus estúdios situavam-se em Bucareste, na Roménia então socialista. O início das emissões foi possível na sequência de um processo de solidariedade internacional que contou com o apoio da URSS, Checoslováquia, Roménia e Hungria.

Os oradores lembraram reportagens emitidas pela RPL, nomeadamente, sobre a guerra do Vietname ou o Congresso Mundial da Paz e as entrevistas com dirigentes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas em zonas libertadas. Realçaram ainda as entrevistas feitas a dirigentes históricos do PCP, como Álvaro Cunhal, Manuel Rodrigues da Silva, António Gervásio e Dias Lourenço, e a responsáveis de movimentos de libertação como Amílcar Cabral e Agostinho Neto.

A entrevista, realizada em Argel, na sede da Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN), feita a Humberto Delgado, Álvaro Cunhal e Ruy Luís Gomes, foi igualmente um ponto alto do trabalho da RPL.

A Rádio Portugal Livre acompanhou ainda a queda de Salazar e os últimos anos do fascismo sob a presidência de Marcelo Caetano, desmascarando a chamada «liberalização» do regime. Nas suas emissões insistiu sempre na necessidade do derrube, pela força, do regime fascista.

Para os organizadores da conferência, a evocação da Rádio Portugal Livre assume especial importância na actual situação vivida em Portugal, com a destruição dos direitos sociais, conquistados pelos povos europeus a seguir à II Guerra Mundial.

14 de Dezembro
LEMBRAR FERNANDO LOPES-GRAÇA

O ciclo de conferências ***Rostos da Resistência***, promovido pela URAP em parceira com a Biblioteca-Museu República e Resistência prossegue no próximo dia 14 de Dezembro com a evocação da memória de Fernando Lopes-Graça, compositor e fundador do Coro da Academia dos Amadores de Música (hoje Coro Lopes-Graça) e resistente antifascista. A conferência terá lugar às 18 horas, no espaço Grandella da Biblioteca-Museu República e Resistência (Estrada de Benfica, 491, Lisboa), e contará com a participação do investigador Filipe Diniz e do Coro Lopes-Graça.



WWW.URAP.PT